

# OUTRO OLHA

## QUEEROÍNAS, HEROÍNAS E PSEUDO-HERÓIS

**EM 1981, MAUREEN MURDOCK**, psicóloga norte-americana e pesquisadora do feminino inserido no mundo patriarcal, entrevistou Joseph Campbell, referência no estudo de mitologia, que escreveu, em 1949, *O herói de mil faces*. Murdock questionou as opiniões do entrevistado acerca das diferenças entre a heroína e o herói, e de como a mulher poderia “curar” a separação interna com sua natureza feminina. Esse conceito de natureza feminina é baseado em arquétipos junguianos<sup>2</sup> que representam figuras simbólicas, parte de um universo inconsciente comum. Construído.

“Durante toda a tradição mitológica a mulher está lá. Tudo o que ela tem que fazer é perceber que ela é o ponto de chegada que todos estão tentando alcançar. Quando uma mulher percebe que personagem maravilhosa ela é, ela não vai se preocupar com o conceito de ser um pseudo-homem”, respondeu Campbell, como



*The mask you live in*

discorre Maureen em seu livro *A jornada da heroína*, publicado em 1990, levantando questões como: o que é estar lá? Qual é o significado de ser tal personagem maravilhosa? O que é o pseudo-homem?

Em 1994, Murdock publica o livro *A filha do herói*, cujo título, a partir da segunda edição em inglês, foi alterado para *A filha do pai* (em português, foi publicado como *A filha do herói* e continua assim). Nessa obra, a autora descreve suas experiências em terapia com diversas pacientes mulheres, já adultas e bem-sucedidas financeiramente. Ela relata que suas pacientes, para alcançarem o sucesso em um mundo centrado na figura do homem, inspiraram-se em atitudes consideradas como masculinas, primeiramente representadas pelo pai.

*Ela (a filha do pai/herói) é considerada um sucesso de acordo com os padrões da sociedade de cultura*



*patriarcal, focada em atingir resultados e baseada em poder. A filha do pai anseia em ser parecida com o seu pai e em ser querida por ele. Às vezes ela até deseja se tornar ele. Ela luta não só por compreender os desejos e sentimentos mais profundos do pai, mas também por experimentar o tipo de poder e visibilidade que ele sustenta no mundo.<sup>3</sup>*

Esse espelhamento cresce com a aprovação exterior, mas, enquanto se adequam às regras do universo homem-centrado, essas mulheres rejeitam o feminino, visto como fraco e representado pela mãe.

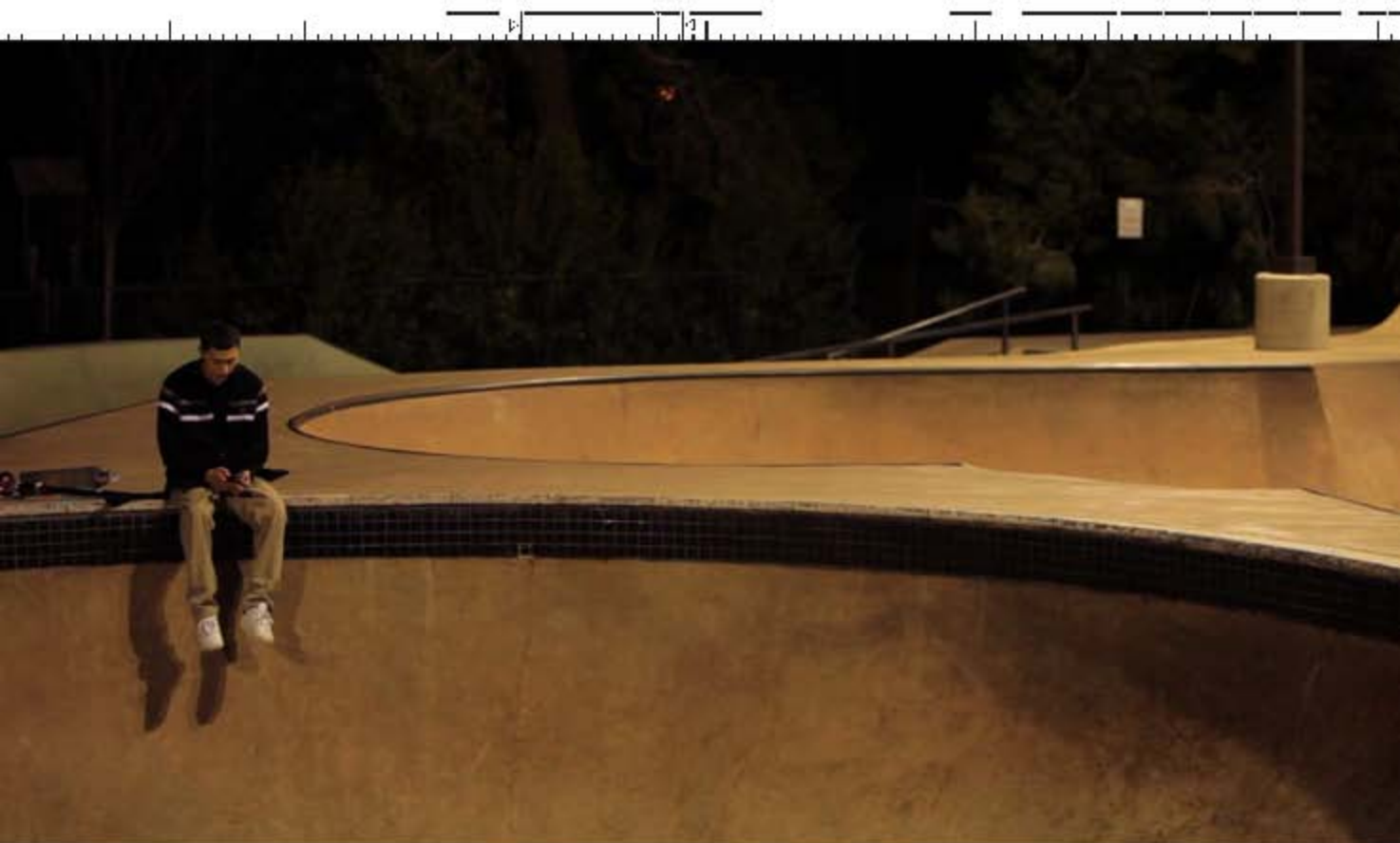
*A jornada da heroína* foca no reencontro da heroína com sua natureza feminina:

*Nossa heroína coloca sua armadura, levanta sua espada, escolhe seu cavalo mais veloz e parte para a bata-*

*lha. Ela encontra seu tesouro: um diploma, um cargo importante, dinheiro, autoridade. Os homens sorriem, apertam sua mão e dão as boas-vindas ao clube.<sup>3</sup>*

*Muitas mulheres imitaram a jornada da figura heroica masculina porque não havia outras imagens para imitar – uma mulher poderia ser bem-sucedida em uma cultura homem-centrada ou dominada e dependente como mulher. Para mudar as estruturas sociais, econômicas e políticas da sociedade, nós precisamos agora de novos mitos e heroínas.<sup>4</sup>*

Por que interessa à mulher se unir ao clube em uma sociedade patriarcal? Por que seria do interesse de uma heroína ser reconhecida e bem-sucedida em um mundo que a oprimiu e oprime as mulheres que não alcançam os ideais de sucesso designados por uma (minoritária) elite masculina branca?



### *The mask you live in*

*A filha do herói* responde à questão do pseudo-homem complementando *A jornada da heroína*, que, por sua vez, responde ao *Herói de mil faces*, de Campbell. O livro de Campbell é referência, pois introduziu o conceito de “monomito” ou “jornada do herói”, que foi popularizado e simplificado por Christopher Vogler, executivo de Hollywood, em 12 passos básicos para se escrever um roteiro.

*Um herói de um mundo ordinário se aventura por uma região de maravilhas sobrenaturais: forças fabulosas são encontradas e uma vitória decisiva é conquistada – o herói volta de sua aventura misteriosa com o poder de conceder favores a seus semelhantes.<sup>5</sup>*

O herói, então, sai do mundo comum e retorna com dinheiro, conhecimento, poderes, como alguém a ser admirado, com status. A heroína, depois de sua aventura, volta para o mundo patriarcal.

A jornada da heroína:

*Quando uma mulher decide não jogar mais de acordo com as regras patriarcais, ela não tem um livro de instruções que lhe mostre como agir ou pensar. Quando ela decide não mais perpetuar formas arcaicas, a vida se torna excitante – e aterrorizante. [...] É uma jornada raramente validada pelo mundo exterior; na realidade, diversas vezes o mundo exterior sabota e interfere na jornada [...]. Essa não é uma jornada sobre uma fada madrinha mostrando uma saída. [...] Quando uma mulher foca no processo da jornada interior, recebe pouco reconhecimento e menos aplausos do mundo exterior. As questões que ela levanta sobre valores de vida faz com que aqueles que estejam empenhados nas jornadas pelo sucesso se sintam desconfortáveis.<sup>6</sup>*

A jornada da heroína é interior, de descobertas do eu, de uma individualidade particular, que mescla valores arquetípicos masculinos e femininos da forma como são entendidos pela sociedade: o masculino sendo a coragem, a garra, a ambição; o feminino, a conexão consigo mesma e com os outros, a empatia e o respeito.



*The mask you live in*

## A heroína não é apenas uma versão feminina do herói. É resistência. É crescer como pessoa e se encontrar no mundo.

Murdock menciona em seu livro que a jornada da heroína não precisa ser só da mulher – os valores dados como femininos são básicos para qualquer ser humano.

O documentário *The mask you live in?*, de Jennifer Siebel Newsom, fala sobre o conceito de masculinidade na cultura ocidental, mais especificamente na americana. No filme, diversos jovens detentos e pesquisadores comportamentais contam experiências sobre o que é crescer sendo do sexo masculino e repudiando atitudes “femininas”. Ser homem é não chorar, não demonstrar afeto ou sentimentos, não desistir nunca, usar violência se necessário, sempre ser o melhor. Ser homem é nunca parecer fraco ou submisso – isso é “coisa de mulher”. É um conceito bastante agressivo para mulheres, obviamente. Mas também o é para os homens.

O documentário também aborda o conteúdo dirigido ao público masculino e quais são os valores de sucesso. Ter dinheiro, ter força, “pegar mulher” e falar sobre isso com os colegas. As músicas, os *videogames* e os filmes são violentos. Homens, quando ficam depressivos, tendem a ser mais violentos. O documentário demonstra que valores humanos são tidos como coisas de “mulherzinha” – e que isso é compreendido como negativo. Cria-se uma sociedade com hierarquias, violenta, em que ser homem é rejeitar tudo o que é ser mulher. Essa é a cultura do estupro.

Colin Stokes, diretor da ONG Citizen School, que reinventa o ensino em escolas para estudantes de baixa renda, aborda, em um TED Talk, a representatividade feminina nas telas e o Teste de Bechdel, que estabelece três princípios simples para se ter em um filme (duas mulheres, com nome, precisam conversar entre si sobre algo que não seja um homem):

*Duas mulheres que existem e falam uma com a outra, sobre coisas... Acontece. Eu já vi. E ainda assim nós raramente vemos acontecer nos filmes a que assistimos e que amamos. Alguma coisa não está certa. Quando eu ouço as estatísticas, uma das coisas que eu penso é: são muitos assédios sexuais. Quem são esses caras? O que eles estão aprendendo? O que o sistema está falhando em ensinar? Eles estão absorvendo a história de que o papel do herói é vencer o vilão com violência e depois coletar seu prêmio, que é uma mulher, sem amigos, que não fala? Nós estamos absorvendo essa história?*

A heroína não é apenas uma versão feminina do herói. É resistência. É crescer como pessoa e se encontrar no mundo. Um mundo que está mudando e se desenvolvendo rapidamente, que tem a possibilidade de libertar ou de reprimir com forças antes não imagináveis.

Representatividade – como protagonista e por trás das câmeras – importa. Consumir qualquer tipo de mídia

é ouvir um ponto de vista e escolher interagir com um universo de narrativas. Se esses pontos de vistas forem todos similares, estaremos gerando debates rasos em um mundo cheio de diversidade.

A jornada da heroína não é questão apenas de representatividade. Nem somente de protagonistas femininas. Não tem gênero, cor, etnia, cultura ou sexualidade definida. Trata-se de pensarmos o que queremos ver em personagens principais, quem queremos ser, que batalhas lutar e que obstáculos vencer, juntos e individualmente.

Sendo “heroína” demasiadamente conivente e “pseudo-herói” descaradamente secundário, surge a necessidade de novos termos críticos. Afinal, que protagonistas são essas? São personagens, atrizes, vizinhas, colegas? Representações de nós mesmas? Mulheres? A história se constrói por meio de rupturas e reescritas, reinvenções. São necessárias subversões, apropriações de autoras feministas, conhecimento da história, arqueologias de saberes, ousadia de inovar e criação de performances corajosas, unidas, ousadas, subjetivas, únicas, estranhas, não binárias, questionadoras... *queer*.

Como coloca muito bem Murdock:

*Nós precisamos ter a coragem de viver em paradoxo, a força de segurar a tensão de não conhecer as respostas, e a disposição para escutar nossa sabedoria interior e a sabedoria do planeta, que implora por mudanças.<sup>9</sup>*

Texto selecionado do Edital Filme Cultura Edição 63

**\*ELEONORA MENEZES DEL BIANCHI** é graduada em Comunicação Social/Midiologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 2013, fez intercâmbio *Ciência Sem Fronteiras* em Londres, Reino Unido, onde estudou animação e storytelling, e, em 2017, participou do projeto *Usina do drama de formação de roteiristas* da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fez crítica para o festival *Kinoforum* em 2012 e 2014 e participou da curadoria estudantil em 2016. Também em 2016 participou da organização do Festival Internacional de Curtas *Metagens Changing Perspectives* em Istambul, na Turquia.

## REFERÊNCIAS

1. JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1981, v. 3.
2. MURDOCK, M. *A filha do herói*. São Paulo: Summus, 1994, p. 5.
3. MURDOCK, M. *The heroine's journey*. Boston: Shambhala, 1990, p. 6, tradução da autora.
4. *Ibid.*, p. 10, tradução da autora.
5. CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 23.
6. MURDOCK, M. *Op. cit.*, 1990, p. 8-10, tradução da autora.
7. *The mask you live in*. Direção: Jennifer Siebel Newson, Produção: Jennifer Siebel Newson e Jesica Congdon. Estados Unidos: Roco Films, 2015, Netflix.
8. STOKES, C. *How movies teach manhood*. 2013. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/colin\\_stokes\\_how\\_movies\\_teach\\_manhood](https://www.ted.com/talks/colin_stokes_how_movies_teach_manhood)>.
9. MURDOCK, M. *Op. cit.*, 1990, p. 11, tradução da autora.